

Perfil

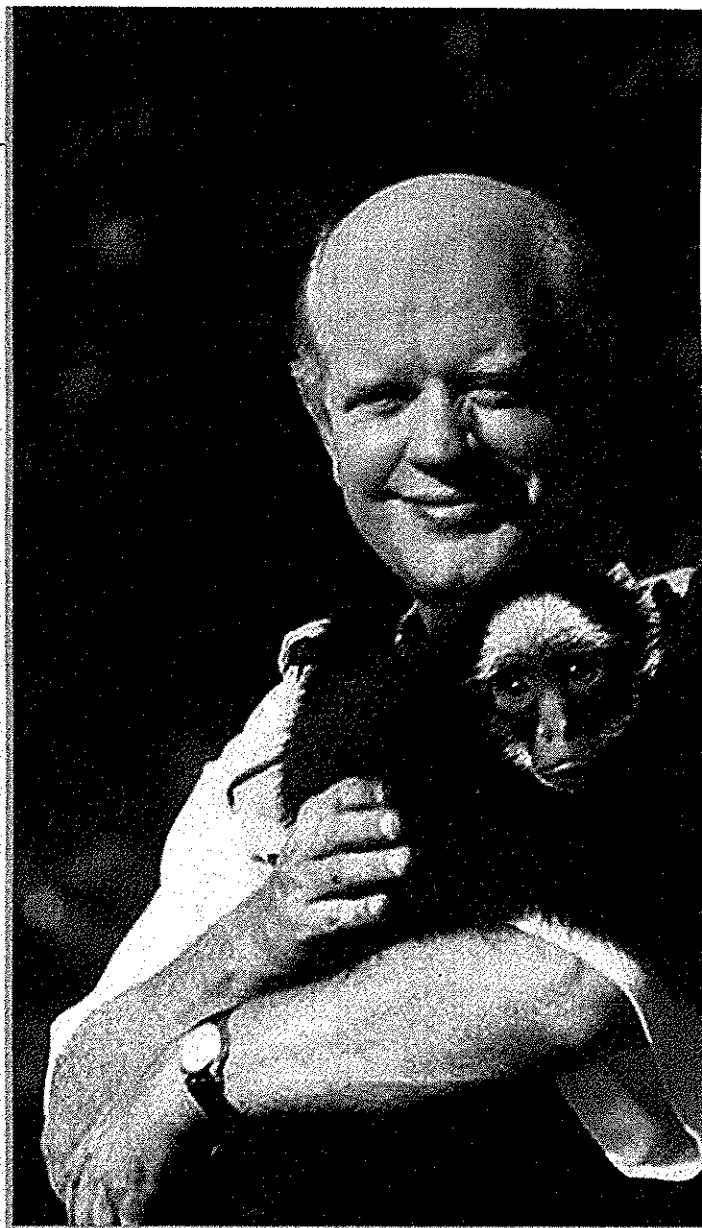
A força do senhor dos macacos

O primatologista Márcio Ayres viaja divulgando a Amazônia e suas teorias de preservação

Klester Cavalcanti

Grisalho, com um simpático rosto redondo e calva pronunciada, o primatologista José Márcio Ayres está se tornando a cara da Amazônia no exterior. Ou melhor, uma das caras. A outra também é grisalha, careca e tem olhos impressionantemente humanos. Mas é de um macaco. O cientista paraense já percorreu mais de quarenta países dos cinco continentes, explicando, defendendo e angariando verbas para a *rain forest* — como a Amazônia é chamada genericamente em inglês. Só neste ano, fez dezenove viagens internacionais. Como seu currículo está indelevelmente associado ao peculiar uacari-branco, seu grande objeto de estudo, quanto mais o pesquisador viaja, mais a imagem do macaquinho de rosto vermelho e corpo coberto de pêlos brancos fica conhecida mundo afora. Com Ayres e o uacari-branco na condição de embaixadores, a Amazônia brasileira só tem lucrado. Graças à insistência fundamentada em argumentos científicos de um e ao encanto selvagem do outro, o governo do Amazonas criou, e várias entidades estrangeiras financiaram, duas grandes áreas de preservação ambiental, Mamirauá e Amanã. Em razão da vizinhança com o Parque Nacional do Jaú, o Brasil ganhou a maior área de floresta tropical protegida do mundo.

A afinidade de Márcio Ayres com nossos primos da floresta vem de longe. Ao contemplar, com 6 anos de idade, um macaco-de-cheiro saltitando de galho em galho na fazenda da avó, em Juruti, no Pará, decidiu seu futuro. À enfadonha pergunta que os adultos adoram fazer às crianças — “O que você vai ser quando crescer?” — passou a responder: “Estudioso de macacos”. A família ria, achava uma criança. Hoje, o garoto nascido em Belém tem 45 anos e é um dos primatologistas mais respeitados na comunidade científica internacional. Em quase trinta anos de pesquisas, descobriu duas espécies de macaco

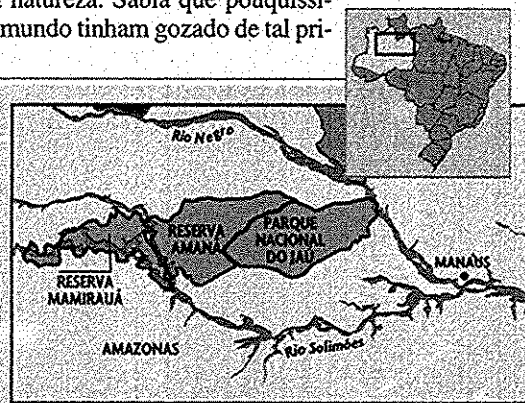


— o capijuba-de-boné e o sagüi-de-maués — e recebeu dezenas de prêmios ambientais. Entre caminhadas, acampamentos e navegações ribeirinhas, passou cerca de quinze anos dentro da selva, onde percorreu 30 000 quilômetros.

Uma das expedições durou dois anos. Foi o mais longo período ininterrupto dentro do mato, mas o objeto de estudo valia o esforço. Ayres estava atrás do uacari-branco. “Lembro até hoje da emoção que me tomou quando o vi pela primeira vez na natureza. Sabia que pouquíssimas pessoas no mundo tinham gozado de tal pri-

Onde fica

Márcio Ayres foi responsável pela criação das reservas de Mamirauá e Amanã, que, com o Parque Nacional do Jaú, formam a maior área de floresta tropical protegida do planeta



Fonte: *1/2 ju*
 Data: *10/9/99* Pg *89*
 Class: *14*



FOTOS PAULO SANTOS/REPORTO

Somando todos os períodos de pesquisa, Ayres passou quinze anos embrenhado na mata. Descobriu duas espécies de macaco e ganhou vários prêmios

ra vermelha como um inglês depois de umas boas doses de uísque. A estação ecológica de Mamirauá foi criada em 1990, sete anos depois dos primeiros contatos entre o cientista e o macaco. A reserva foi filmada e divulgada em dezenas de documentários internacionais. Há três meses, o presidente Fernando Henrique Cardoso apareceu para conhecê-la. "Isso é uma coisa linda", admirou-se. Também estiveram por lá o dono da Microsoft, Bill Gates, e o músico Peter Gabriel.

Com a criação da reserva, Márcio Ayres ganhou um laboratório de 11 200 quilômetros quadrados para colocar em prática suas teorias sobre preservação ambiental. O modelo adotado em Mamirauá difere de tudo o que sempre se preconizou como política conservacionista. Para o pesquisador, é possível conciliar a manutenção da natureza com a ocupação humana. Ao contrário dos parques nacionais, de onde os moradores são expulsos, na reserva vivem 5 000 pessoas. A pesca, por exemplo, é permitida, embora em regime controlado. Como deu certo, o governo do Amazonas acatou mais um pedido de Ayres e criou, há um ano, a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã. O ambientalista não descansou e mantém seu périplo em busca de ajuda. Para este ano, conseguiu amealhar 2,3 milhões de reais para pesquisa científica e melhorias das condições de vida dos moradores das duas reservas.

A inspiração para suas teorias, Ayres diz ter tirado das andanças pela mata. De lá também vêm as melhores histórias de aventura. Em 1976, quando o cientista se embrenhou pela região do Rio Aripuanã, no Mato Grosso, para estudar o cuxiú-denariz-branco, teve um contato imediato de arrepiar. Caminhando com os olhos sempre vidrados na copa das árvores, não percebeu que também estava sendo observado. "Quando baixei a cabeça, uma enorme onça-parda me encarava. Nunca vi dentes tão brancos e tão grandes", lembra. Aterrorizado, o primatologista saiu em disparada. Só em seguida percebeu que a onça também não havia gostado do encontro. "O problema é que ela correu justamente para o lado ao qual eu precisava ir." Ele, obviamente, desistiu. Há quatro anos, na Ilha de Bornéu, na Indonésia, quem o apavorou foi outro cientista. Seu grupo passou a noite à deriva, depois que o motor do barco se espatifou contra um tronco. Só se ouvia a algaravia dos bichos e a gritaria dos taiaks, uma tribo nativa. "O dinamarquês não parava de dizer que aqueles índios arrancavam a cabeça de suas vítimas, como prova de masculinidade", conta Ayres. Para a sorte do uacari-branco e de outros milhares de bichos e plantas, a cabeça do pesquisador paraense continua ligada ao pescoço. E pensando coisas boas. ■

vilégio e eu tinha tudo por revelar", conta. Os dois anos de vida selvagem resultaram em sua tese de doutorado. Nela, o cientista explicou que o uacari-branco é um dos maiores predadores de sementes, especialmente as das árvores da família da castanha-do-pará, e que sua cara vermelha é, provavelmente, um sinal de boa saúde que ajuda na conquista das fêmeas. Quanto mais vermelho, mais atraente. O mais importante da tese, entretanto, foi a comprovação de que o arredio macaco careca só existia em Mamirauá, uma região de floresta alagada em que a água chega a subir 15 metros, encobrindo toda a terra durante o auge da cheia.

Ayres voltou à cidade determinado a garantir a preservação da região. A destruição de Mamirauá, com toda sua extraordinária biodiversidade, significaria a extinção do uacari-branco, que tem lá seu único habitat. O pesquisador gastou o verbo e a sola do sapato na peregrinação por gabinetes para falar sobre a região, sua fauna e flora. Explorou sem pejo o fascínio que a imagem do uacari-branco provoca. Entre os estrangeiros, a história que mais empolgava era sobre o apelido do uacari, "macaco inglês", assim chamado por ser branco e ter a ca-

LUIZ CLAUDIO MARICO



O uacari-branco: a segunda cara da Amazônia